



A MISSÃO DESFETICHIZADORA DA ARTE NA ESTÉTICA DE GYÖRGY LUKÁCS

Doralice de Lima Barreto¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a função social da arte no contexto capitalista a partir de György Lukács. Em sua obra *Estética I: a peculiaridade do estético*, publicada em 1963, o filósofo húngaro busca analisar a gênese do fato estético, como a arte surge na história da humanidade. Mais que uma análise histórica, Lukács faz uma análise da categoria primordial para essa gênese, o trabalho. Aliado à linguagem, o trabalho é categoria fundante da consciência humana, e junto aos outros fatores, como a mimesis, magia e religião, torna a arte possível, elevando cada vez mais a capacidade humana de refletir sobre si e sobre o mundo circundante. Esta apresentação não se aterá ao processo de separação e desenvolvimento da mimesis artística em detrimento da magia. Essa superação ocorreu num dado momento histórico e concede lugar à ampliação da consciência do ser humano e seu desenvolvimento na arte e na ciência. Contudo, se faz necessário esclarecer o conceito mimético, para melhor compreensão do seu resgate no pensamento lukácsiano. Partindo desse ponto, lançar-se-á um olhar sobre a arte enquanto reflexo da realidade que se configura no aqui e agora da sociedade. Para o filósofo, a arte possui a capacidade de refletir a realidade, o aqui e agora do momento histórico, ou, como ele mesmo diz, utilizando a expressão latina, o *hinc et nunc*. Desde a gênese e em todo o desenvolvimento da sociedade, a arte cumpre sua função dentro do contexto social em direção à autoconsciência humana. Tal função é demonstrada pela possibilidade da evocação da realidade objetiva. Pautando nessa definição, é que, a seguir, será tratado o tema da arte frente à realidade social do capitalismo, na tentativa de compreender a arte como *desfetichizadora*, ou seja, capaz de retirar o ser humano da heterogeneidade para a homogeneidade. Sendo assim, para Lukács, cabe à arte retirá-lo da condição fragmentada da cotidianidade e colocá-lo em contato com o gênero humano.

Palavras-chave: Lukács. Sociedade. Arte. Capitalismo.

Abstract: The present paper aims to present the social function of art in the capitalist context based on György Lukács. In his work *Aesthetics I: the peculiarity of the aesthetic*, published in 1963, the Hungarian philosopher seeks to analyze the genesis of the aesthetic fact, how art emerges in the history of humanity. More than a historical analysis, Lukács analyzes the primordial category for this genesis, work. Allied to language, work is a founding category of human consciousness, and together with other factors, such as mimesis, magic and religion, it makes art possible, increasingly enhancing the human capacity to reflect on oneself and the surrounding world. This presentation will not focus on the process of separation and development of artistic mimesis to the detriment of magic. This overcoming occurred at a given historical moment and gives way to the expansion of human consciousness and its development in art and science. However, it is necessary to clarify the mimetic concept to better understand its recovery in Lukácsian thought. Starting from this point, we will look at art as a reflection of the reality that

¹Doutoranda em filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da Unioeste – Campus Toledo/PR. E-mail: doralicefilo@gmail.com. (Bolsista Capes).

takes place in the here and now of society. For the philosopher, art has the ability to reflect reality, the here and now of the historical moment, or, as he himself says, using the Latin expression, *hinc et nunc*. Since the genesis and throughout the development of society, art fulfills its function within the social context towards human self-awareness. This function is demonstrated by the possibility of evoking objective reality. Based on this definition, the theme of art in the face of the social reality of capitalism will be discussed below, in an attempt to understand art as defetishizing, that is, capable of removing human beings from heterogeneity to homogeneity. Therefore, for Lukács, it is up to art to remove him from the fragmented condition of everyday life and put him in contact with the human race.

Keywords: Lukács. Society. Art. Capitalism.

INTRODUÇÃO

A arte é compreendida enquanto reflexo da realidade, bem como a ciência, a magia e a religião. Ao se preocupar com uma profunda análise categorial da gênese do fato estético, Lukács apresenta a importância dessas formas de apreensão da realidade, na qual o ser humano não somente busca compreender o mundo tal qual ele é, suas leis, mas também cria o seu mundo, sua forma de viver e de se relacionar consigo e toda a exterioridade.

O presente texto busca mostrar, partindo da compreensão da gênese estética ter como fator originário o trabalho e, intrínseco a este, a linguagem, que a arte possui uma missão desfetichizadora da realidade. A arte é um reflexo puro da realidade, nela ficam suspensos os entraves do cotidiano. No dia a dia, as pessoas realizam tarefas sobre as quais não precisam refletir para efetivá-las, tudo se torna rotineiro e ritmado. A arte é o momento de encontro direto com o gênero humano, depurando a visão sobre sua humanidade, confrontando o cotidiano reificado.

No contexto da sociedade capitalista, o ser humano se encontra mergulhado em uma realidade de exploração. Essa é uma realidade inautêntica, pois o coloca numa situação não humanizante. Nesse sentido, a arte é uma forma de retirá-lo desse cotidiano em que está vivendo numa condição desumana e elevar sua sensibilidade, refletir sobre o mundo que o cerca, o mundo que cria a possibilidade de vislumbrar uma realidade diferente, uma realidade em que sua condição de vida seja autêntica, ou seja, humanizada.

Diante da realidade fetichizada no contexto capitalista, Lukács apresenta a arte como possibilidade de despertar e humanizar os sentidos humanos há muito tempo desenvolvidos ao longo da história. Será abordada na arte no capitalismo, como ela também sucumbe diante da relação de exploração no mundo do trabalho. No entanto, existe a possibilidade de pensar a arte em sua autenticidade, como resistência e persistência da humanização do ser humano, com uma missão de desfetichizar a realidade cotidiana.

Arte e Capitalismo

A orientação metodológica marxista sobre o desenvolvimento histórico, partindo da ideia central de que “o homem se fez homem diferenciando-se do animal através do seu próprio trabalho” (Lukács, 2012, p.14), compreende toda a sociedade e, desta maneira, a arte. Partindo do pressuposto de que a arte desperta e humaniza os sentidos, Lukács recorda as palavras de Marx sobre a objetivação da essência humana. A capacidade de criar e aperfeiçoar os sentidos tão somente para o desfrute humano; humano que, ao sentir, se sensibiliza, e ao se sensibilizar, apura os sentidos, que são faculdades essenciais.

A educação dos cinco sentidos é trabalho de toda a história universal até nossos dias. O *sentido* subordinado a exigências práticas animais é um sentido *limitado*. Para o homem faminto, não existe a forma humana do alimento e sim apenas a sua existência abstrata como alimento [...] o homem angustiado por uma necessidade não tem senso algum, mesmo para o espetáculo mais belo: o mercador de pedras preciosas só vê o valor comercial delas, não vê a beleza e a natureza peculiar de cada pedra; ele não possui qualquer senso estético para o mineral *em si*. Portanto, a objetivação da essência humana, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista prático, é necessária tanto para tornar *humanos* os sentidos do homem como para criar um *sentido humano adequado* à inteira riqueza da essência humana e natural (Marx, 1844, p.98-99 apud Lukács, 2012, p. 14).

Partindo dessa reflexão, fica acordado que a sensibilidade humana proporciona a humanização da própria humanidade. O produzir humano, entendido por Lukács como a categoria do trabalho, cria um mundo que já não é mais alheio, estranho, mas é um mundo sensibilizado, que, por sua vez, contribui para purificar os sentidos humanos. A compreensão da arte para Lukács ocorre mediante sua interação com o meio social e econômico. Ela está relacionada com o trabalho e viabiliza o ser humano no seu processo de apropriação do mundo exterior, de sua humanização permanente ampliada pelas objetivações do ser social. Contudo, os apontamentos críticos, sobretudo de viés marxista, buscam desmascarar na sociedade capitalista as suas contradições.

Se de um lado é possível vislumbrar um mundo novo de grandes benefícios materiais, do outro, é possível ver suas falhas em relação à desumanização do ser humano, sobretudo no que toca a industrialização e a fragmentação do trabalho. Isto acarretou a fragmentação do indivíduo, bem como o processo do fetichismo da mercadoria, nascido de certas tendências evolutivas da sociedade. Como diz Marx, a humanização só pode chegar aonde chegou depois de todo o seu movimento histórico até os dias atuais. Contudo, existe uma grande crise social, a crise do capital, que acomete todas as esferas da vida humana.

A crise que perpassa este momento é o que violentamente assalta a classe do proletariado, uma vez que esta se encontra subordinada à classe burguesa, que detém a propriedade dos meios de produção. O sistema de produção capitalista colocou sobre seus operários o jugo da fragmentação e expropriação de seu trabalho. Não se trata de descrever todo o processo de sua origem, pode-se compreender este fato pela própria revolução da indústria, que ao introduzir as máquinas com os moldes de produção capitalista fragmentou o trabalho e, com ele, o saber humano.

Em sua obra *O Capital*, Marx deixa claro que a máquina, a qual representa uma grande evolução na produção, não foi criada para, assim, dispensar o trabalhador do grande peso na produção. A intenção do ponto de vista capitalista é a máquina, “ela há-de embaratecer mercadorias e encurtar a parte do dia de trabalho de que o operário precisa para si mesmo, para prolongar aquela outra parte do seu dia de trabalho que ele dá gratuitamente ao capitalista. Ela é meio para a produção de mais-valia” (Marx, 1996, p. 1).

Os donos dos meios de produção compram a força de trabalho e o tempo de trabalho, ou seja, eles não pertencem ao trabalhador e sim ao seu patrão. Ao introduzir a máquina na produção, o tempo que se levava para produzir uma mercadoria foi reduzido, sobrando mais tempo para que o operário trabalhasse para produzir a mais-valia. Essa foi uma das grandes contradições que os estudos de Marx acabaram desvelando. A mais-valia é a parte não remunerada do trabalho. Ou seja, o capital se mantém pela exploração dos trabalhadores. “O trabalhador produz o valor necessário para pagar a sua reprodução, o seu salário, e, além disso, produz um valor não pago, que é apropriado pelo capitalista” (Pinheiro, 2012, p. 18).

Se antes, mediante o trabalho o ser humano desenvolveu seus sentidos, conseguiu atingir um nível elevado de sua humanização, agora ele se vê desapropriado de sua própria atividade. A máquina lhe impossibilita o conhecimento sobre o processo de produção, a divisão de trabalho lhe tira o conhecimento da mercadoria. O ser humano fragmentado em suas atividades se embrutece, se desumaniza. O que acarreta, conseqüentemente, a perda dos valores e dos sentidos, inclusive os estéticos. Embrutecido, o ser humano já não possui a sensibilidade, seus sentidos estão enrijecidos pelo ato mecânico da indústria, ele é incapaz de desenvolver seus ouvidos para a música, seus olhos para o belo.

Em consequência disto, é perceptível a alienação em que o ser humano se encontra. A alienação é um conceito desenvolvido pelo filósofo Hegel. Em Marx, é entendido como o momento em que o ser humano, no ato de trabalho e produção, se separa da natureza. Quanto mais o ser humano desenvolve sua capacidade de transformar a natureza, em face do seu trabalho, vai se percebendo a si próprio, “como um estranho e acaba rodeado de objetos que, embora produzidos

pela sua atividade, tendem a crescer fora do seu controle e impor [...] as suas leis de objeto” (Fischer, 1983, p. 95). Este movimento de alienação faz parte do seu processo de desenvolvimento. Contudo, essa situação “precisa ser superada, a fim de que o homem ganhe consciência de si mesmo no processo de trabalho, se reencontre no produto da sua atividade, crie novas condições e se torne senhor não escravo da produção” (Fischer, 1983, p. 95).

Uma das primeiras divisões do trabalho foi a atividade intelectual separada do trabalho prático, reservada aos escravos, servos e trabalhadores apenas esta segunda, enquanto a classe dominante sempre possuiu tempo para desenvolver-se cultural e intelectualmente. Dessa forma, “a concentração exclusiva do talento artístico em alguns indivíduos e o seu aniquilamento nas grandes massas [...] é um efeito da divisão do trabalho” (Marx e Engels, 1971, p. 54).

A arte está destinada aos detentores de cultura e conhecimento, e a massa é privada desse privilégio, para seguir na ordem do capital, apenas com os “conhecimentos imediatos, pragmáticos e aligeirados” (Araujo, 2013, p 87). No modo de produção capitalista, perde-se a esfera ontológica do trabalho, ou seja, todo o processo visto desde a era primitiva, que possibilitou ao ser humano sua interação com o mundo, construindo seu meio e se construindo, e levando-o à sua autoconsciência.

Diante dessas condições, a classe trabalhadora não se dispõe ao desenvolvimento da sensibilidade estética, bem como do conhecimento. Segundo Lukács, somente num estágio da humanidade de desenvolvimento da produção é que se torna possível o ócio, que permite ao ser humano o desenvolvimento de seus sentidos estéticos.

Na sociedade capitalista, a arte se torna uma mercadoria do mundo burguês, que, desta maneira, firma uma sociedade desigual e excludente, fazendo da arte uma “adaptação ornada de excitação, mortificação tornada saborosa pelo desvario” (Lukács, 1966b, p. 266, tradução nossa). Marx, em sua obra *O Capital*, descreveu o processo de fetichismo da mercadoria, que segundo ele, provém do caráter social da produção,

A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sociais, com propriedades perceptíveis e imperceptíveis aos sentidos. [...] uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas (Marx, 1987, p. 81).

A mercadoria como fetiche é o produto final de um trabalho, que adquire um valor de venda que excede o tempo trabalhado no material, um valor que na verdade essa mercadoria não possui,

como se este produto não fosse proveniente de um ato humano. Perdendo sua relação com o trabalho, os objetos produzidos possuem vida própria, criam relações entre si.

É a partir desta observação acerca do fetiche da mercadoria descrito por Marx que o filósofo húngaro apresenta a arte como desfetichizadora da realidade. A finalidade que o filósofo busca é de um “conhecimento desfetichizador de algo que em sua aparência imediata, é condição de coisa, o retransforma no que é em si, uma relação entre homens” (Lukács, 1966b, p. 379, tradução nossa). Primeiramente, desfetichização de tudo aquilo que “em sua aparência falseadora, a qual, ainda que de origem social necessária, deforma a verdadeira essência da realidade” (Lukács, 1966b, p. 379, tradução nossa). A procura dessa retificação que visa restabelecer a essência verdadeira das coisas tem o objetivo de salvar o papel dos homens na história, segundo o filósofo. O ser humano tem perdido seu valor perante a realidade porque, ao invés de controlar as coisas, são as coisas que o controlam.

A arte como desfetichizadora da realidade é o reflexo da realidade como espelhamento que faz o ser humano inteiro imerso em suas ocupações e interesses pessoais suspender seu cotidiano para se voltar para o destino da humanidade. Desvencilhando-se das amarras do cotidiano, os fatos, as pessoas, que no cotidiano não são notados. Lukács mostra que na obra de arte são representados de modo a serem percebidos em suas unidades e determinações. A esfera cotidiana não seria por si só inautêntica, mas na sociedade capitalista ocorre esta inautenticidade, que faz com que a relação entre arte e vida cotidiana seja de tensão e não de repulsão.

Para o capitalismo, tudo vira mercadoria e assim também é com a arte, que se torna refém da burguesia. A obra de arte, o artista, o fruidor, estão à mercê do sistema, de maneira que os homens não tenham acesso às “objetivações superiores nesse campo da formação humana” (Araújo, 2013, p. 91). Isto ocorre porque tudo o que é produzido na sociedade, tanto em matéria de cultura como em outras esferas, não chega a todas as pessoas; no âmbito estético, a fruição fica para uma minoria, a maioria fica excluída.

O artista é atingido pela tendência capital, fica impossibilitado de se desenvolver frente ao que é submetido, no caso, às “piores qualidades das ciências particulares da decadência ideológica: um empirismo rastejante, um especialismo burocrático, um desligamento, um alheamento completo do vivente tecido da totalidade” (Lukács, 1966b, p. 266, tradução nossa). Como já foi citado no início do tópico, o ser humano evolui sob a mediação do trabalho e humaniza seus sentidos. No entanto, é perceptível como o artista se vê obrigado a entrar na esfera do mercado, enquanto o fruidor se torna um mero cliente, um consumidor de obras de arte.

Diante disto, é preciso perceber que a arte sofre com a degeneração imposta pelo modelo de sociedade vigente, mas deve buscar se contrapor, mesmo com as dificuldades encontradas. Há

o que Lukács chama de “esplêndidas ilhas de civilização humana” (Lukács, 1966b, p. 265, tradução nossa). Contra a barbárie da burguesia, há a possibilidade de “ser considerado, em meio a toda contradição expressa no seio da crise, um papel privilegiado da arte, pois são considerados dignos e engenhosos atos de audácia que se fincam no imbróglio do sistema capitalista” (Araújo, 2013, p 91).

A arte para Lukács possui a missão desfetichizadora. Cabe a ela assumir esta função social de ser engajada com a realidade, mas “não deve apenas refletir as condições sociais de um tempo, expondo cruamente os aspectos subjetivos tornados típicos em determinados ambientes”, a arte deve fazer emergir “o sentido humano que lhe falta, superando-o, com isso, de forma crítica” (Patriota, 2010, p. 260). Sua missão desfetichizadora é fazer com que o indivíduo em contato com a obra de arte perceba que não é um ser isolado, vivendo o seu cotidiano, e que as coisas que encerram sua vida sejam assim determinadas.

O indivíduo que se depara com a arte e tem uma experiência estética percebe que sua vida está ligada com a vida da humanidade e com o seu destino. A arte leva o ser humano a tomar contato com o gênero humano do qual faz parte, o sensibiliza, o humaniza, aponta a realidade, amplia sua compreensão de si mesmo e do mundo que o cerca. A arte é desfetichizadora pois possibilita ao ser humano sair da vida cotidiana e tomar contato com aquilo que lhe é mais essencial, sua humanidade, para depois retornar a ela mais enriquecido, com um novo olhar sobre sua vida, o que o levará a participar da vida humana com novas atitudes, como uma nova posição, um modo mais crítico de ver as relações reificadas na sociedade capitalista.

Tanto o artista quanto o fruidor devem ser resistentes ante as problemáticas da vida cotidiana, este é um compromisso com a humanização frente à barbárie do capitalismo. Nas obras de arte, o sentimento elevado constitui o meio para que o ser humano eleve seus próprios sentimentos, saindo de sua vida social individual, de sua singularidade e se comunicando com o sentimento do gênero humano. Esta experiência estética é que proporciona o encontro do ser humano inteiro com o ser humano inteiramente e que o faz ter uma visão desfetichizada da realidade.

A fruição da obra de arte pode levar o ser humano a uma experiência catártica, uma experiência de expurgação, no conceito aristotélico. Lukács retoma o conceito, compreendendo que tal expurgação das paixões pode levar o indivíduo a decidir suas ações; a catarse, assim, leva o ser humano a confirmar o que lhe é essencial “precisamente pelo fato de vê-la em um espelho que o comove, que o envergonha pela sua grandeza, que mostra sua fragmentação, a insuficiência, a incapacidade de realização de sua própria existência” (Lukács, 1966b, p.377, tradução nossa).

Não é apenas fruição da obra, a purificação das paixões corresponde a uma escolha ética. É a vida da pessoa depois da obra.

A catarse surge do cenário das vivências. Sua especificidade consiste no seu efeito que “produzido pela obra torna-se qualitativamente superior, penetrando na subjetividade com uma força, uma clareza e precisão de sentidos que raramente acontece na vida mesma” (Patriota, 2010, p.265). No que se refere à ética, Patriota comenta que, embora a catarse não seja uma categoria ética, possibilita um elo entre esta e a estética. A estética é um reflexo da realidade, já a ética é uma realidade das ações humanas, se refere ao mundo prático das relações sociais.

Ao tratar da relação entre estética e ética, esta ocorre de modo conflitante. Lukács afirma que a catarse, embora reflita questões essenciais da própria vida, as comoções que se desencadeiam da experiência numa perspectiva ética se configuram como episódios dentro de muitos outros episódios possíveis, uma vez que a ética não necessita da experiência de emoções catárticas. Pelo contrário, “a essência ética é superior ao entusiasmo, por mais sincero e honesto que este possa ser. [...] a ética sempre desconfia do entusiasmo e dos exageros emocionais” (Neto, 2013, p. 63).

Este tema seria amplamente explorado num outro momento, na obra *Ética*, que infelizmente o autor não pode concretizar. Todavia, o autor deixa claro que “não atribui às paixões um primado no plano da vida prática, o que não implica numa concepção racionalista” (Patriota, 2010, p. 268). Lukács não se preocupa com a oposição entre o racional de um lado e o emocional do outro. O que ele compreende é que as disposições para uma ação real tenham sido movidas pelo efeito catártico. A arte pode produzir efeito na sociedade por meio da mudança do comportamento do ser humano, ou seja, de sua ética, sendo que esta mudança é escolha da pessoa que viveu essa experiência estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, podemos evidenciar na arte a sua função catártica, que conduz ao reconhecimento e identificação com a humanidade, que, por sua vez, pode se transformar em ética. “O essencial à catarse reside na sua capacidade de despertar nos sujeitos a consciência sensível de que a vida individual e a vida do gênero não são dissociáveis” (Patriota, 2010, p. 269). Longe de ser mero instrumento de propaganda partidária ideológica com elucidações moralistas, a arte leva o ser humano inteiro ao ser humano inteiramente. O ser humano inteiro é aquele imerso no cotidiano, na imediatez, na vida puramente material, este está voltado aos seus próprios interesses enquanto sujeito.

Perante a experiência catártica, ergue-se o ser humano inteiro, o ser humano inteiramente. Este está livre das amarras da vida heterogênea, se entrega à vivência homogênea, que está posta na obra de arte. Este mundo homogêneo que a arte proporciona está livre das impurezas do mundo do cotidiano fragmentado. Dito de outro modo, o receptor vivencia uma elevação do gênero humano. Entendendo que se trata de um mesmo indivíduo, o ser humano inteiramente enriquecido pela catarse volta ao ser humano inteiro assumindo novas atitudes no seu dia a dia.

Pode-se dizer que a arte possui sua missão desfetichizadora porque impulsiona o ser humano a superar a realidade fragmentada produzida pelo modo de produção capitalista. No capitalismo, as relações humanas aparecem como relações entre coisas, ou seja, reificadas. A partir das análises feitas por Marx sobre as relações sociais, Lukács afirma:

Na consciência humana, o mundo aparece [...] deformado em sua própria estrutura, separado de suas efetivas conexões. Torna-se necessário um peculiar trabalho mental para que o homem do capitalismo penetre nesta fetichização e descubra por trás das categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, valor etc.) que determinam a vida cotidiana dos homens, a sua verdadeira essência, isto é, a de relações sociais entre homens” (Lukács, 2012, p. 19).

A arte para ser autêntica deve lutar para defender a integridade do ser humano de qualquer tipo de deformação, denunciando todo tipo de fetichização, e recobrar sua essência. Se de início a arte produz esta elevação do ser humano ao gênero humano, deixando-o suspenso de sua realidade cotidiana, depois opera o seu processo de retorno. Assim se dá o processo pelo qual “o homem singular, sem abdicar de suas próprias inclinações e necessidades pessoais, toma para si as tarefas do gênero, vivenciando-as como tarefas de sua pessoa, descobrindo os laços que unem sua vida à vida do gênero” (Patriota, 2010, p. 270).

Daí pode ocorrer o surgimento da ética no indivíduo a partir da catarse, que se realiza depois do contato dele com a obra, após decidir mudar sua conduta perante a vida. “Neste caso, o sujeito apropria-se efetivamente de uma vivência humana significativa, integrando-a emocionalmente ao seu processo de vida e construção como uma aquisição permanente” (Patriota, 2010, p. 270).

Na realidade contemporânea, pode-se dizer que o sistema “vitorioso economicamente, abate cada vez mais a resistência dos autênticos paladinos da civilização” (Lukács, 1966b, p. 265, tradução nossa). Não há como afirmar seguramente que em meio a essa realidade a arte tenha perecido de vez. O que se pode perceber é que a arte se faz presente em todos os tempos, de acordo com suas possibilidades, até mesmo numa sociedade capitalista que tanto obstaculariza o ser humano de uma formação que integre todas as esferas humanas. Lukács aponta para essa possibilidade numa sociedade emancipada, como a socialista, afirmando que esta irá “restaurar em seus direitos o elemento conscientemente social da arte” (Lukács, 1966b, p. 533, tradução nossa).

Há os que resistem através dos tempos às contradições postas pela vida social; essas poucas exceções mostram que a arte ainda não morreu, mas se encontra enfraquecida. Através da arte, a humanidade pode reconhecer sua real condição e, conseqüentemente, mudá-la. Muitas obras de arte ainda podem salvar o ser humano para que, transfigurado pela experiência estética catártica, a humanidade possa salvar a arte.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Adéle Cristina Braga. *Estética em Lukács: reverberações da arte no campo da formação humana*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em <<http://www.uece.br/ppge/dmdocuments/Araujo%20-%20Adele%20Cristina%20Braga%20-%20%20ESTETICA%20EM%20Lukács....pdf>>. Acesso em: 19 out 2014.
- FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Tradução: Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FREDERICO, Celso. Cotidiano e arte em Lukács. In: *Estudos avançados*. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300022>. Acesso em: 18 jul 2014.
- LUKÁCS, György. *Estética I: da peculiaridade de lo estetico*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966a.
- LUKÁCS, György. Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels. In: *Marx, K.; Engels, F. Cultura, Arte e Literatura: textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARX, Karl. Engels, Friedrich. *Sobre Literatura e arte*. Tradução: Albano Lima. 4. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.
- NETO, Artur Bispo dos Santos. *Estética e ética na perspectiva materialista*. 1. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.
- PATRIOTA, Reiner. *A relação sujeito-objeto na estética de Georg Lukács: reformulação e desfecho de um projeto interrompido*. Tese (Doutorado em Filosofia) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- PINHEIRO, Antônia Cleidivania. *A arte como elemento de humanização: aproximações iniciais à luz da estética I de Georg Lukács*. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Estadual do Ceará, Quixadá CE, 2012. Disponível em <http://uece.br/lapps/index.php/downloads/doc_download/2047-a-arte-como-elemento-de-humanizacao-aproximacoes-iniciais-a-luz-da-estetica-i-de-george-Lukács>. Acesso em: 09 out 2014.
- TERTULIAN, Nicolas. *Georg Lukács etapas de seu pensamento estético*. São Paulo: Unesp, 2008.